



ENGORDA DE PORCO ALENTEJANO EM MONTANHEIRA

A Origem do Porco Alentejano

A domesticação do porco ter-se-á iniciado na China, cerca de 5 mil anos antes de Cristo, com a melhoria e seleção do Javali, mediante a constatação de que este animal omnívoro, utilizava com eficácia os restos da alimentação humana fornecendo uma carne rica em proteínas, gordura e hidratos de carbono essenciais à dieta humana.

Os porcos brancos do Norte da Europa, do Norte de Portugal (Raça Bísara) e do Norte de Espanha são os representantes atuais do Tronco Céltico. Este é a base das raças modernas desde que no princípio do século XIX se começaram a fazer cruzamentos da raça Céltica pura com as raças asiáticas, mais prolíficas, e as ibéricas, com maior capacidade adipogénica, que levaram inclusivamente à ameaça de desaparecimento da raça autóctone portuguesa Bísara.

Não há consenso acerca da evolução dos suínos, mas há que distingui-los em três troncos principais: o Tronco Asiático ou Chino, o Tronco Céltico e o Tronco Ibérico ou Romântico.

O Tronco Ibérico deu origem aos porcos de pelagem negra da Bacia do Mediterrâneo, isto é, as raças Alentejana e Ibérica espanhola, que possuem um sistema de manejo muito peculiar e cuja alimentação é baseada nos recursos de um ecossistema muito particular, o montado.

Apresentação do Porco Raça Alentejana

Os porcos ibéricos foram introduzidos na Península vindos da Europa mediterrânica e Norte de África.

A Península Ibérica, têm diferentes níveis de riqueza, diferentes níveis de isolamento geográfica geográfico e diferentes níveis de desenvolvimento de meios de comunicação. Esta variabilidade associada à ocorrência de populações de porcos totalmente isoladas entre si originou a diferenciação de algumas características, e terá sido por causa desta diferenciação da rala Alentejana e da raça Ibérica provenientes do mesmo tronco.

As diferenças são de facto muito pequenas, mas mesmo assim há autores espanhóis que não reconhecem a Raça Alentejana como distinta da raça Ibérica, mas apenas como uma das suas variedades.

Segundo alguns criadores, os porcos alentejanos, serão ligeiramente mais curtos, mais baixos e possuem as orelhas mais pequenas relativamente aos porcos ibéricos.

Algumas das características, segundo o Regulamento do Livro Genealógico do Porco Alentejano:

- **Corpulência:** médio-pequena, esqueleto aligeirado, grande rusticidade e temperamento vivo.
- **Pele:** preta ardósia, com cerdas raras, finas, de cor preta ou ruiva.
- **Cabeça:** comprida e fina de ângulo frontonasal pouco acentuado, orelhas pequenas e finas, de forma triangular, dirigidas para a frente e com a ponta ligeiramente lançada para fora.
- **Pescoço:** de comprimento médio e musculado.
- **Tronco:** região dorso lombar pouco arqueada, garupa comprida e oblíqua, ventre descaído, cauda fina de média inserção e terminada com um tufo de cerdas.
- **Membros:** de comprimento médio, delgados e bem aprumados, terminando por pés pequenos e de unha rija.
- **Andamentos:** ágeis e elásticos.
- **Carateres Sexuais:** macho com testículos bem salientes e medianamente volumosos;
fêmea com mamilos em número não inferior a cinco de cada lado.



Ecosistema Habitat do Porco Raça Alentejana

A constatação de que alguns dos principais problemas que hoje se verificam nos nossos montados de sobreiros e azinheiras são provocados pelas alterações climáticas que se traduzem numa, cada vez maior, escassez pluviométrica e aumento da temperatura, agravados por práticas de gestão menos adequadas, motivou a ACPA a produzir a presente publicação.

Caracterização do Bosque Mediterrâneo

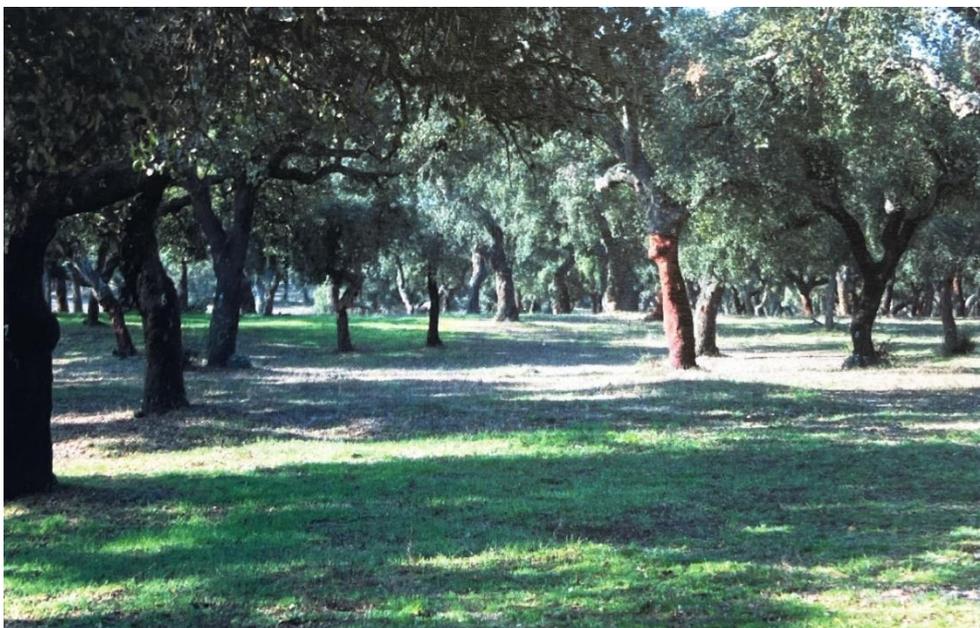
O clima mediterrâneo é um clima temperado, com um verão quente e seco, ocorrência de chuvas na estação fria e um inverno moderado. A alternância entre o verão quente e seco e o inverno não muito frio e chuvoso está limitada a uma dada latitude e às margens poente dos continentes.

Portugal Continental está sob influência do Clima Mediterrâneo do tipo Cs da classificação de Koeppen, esta diferencia-se essencialmente no regime de chuvas e na amplitude térmica, sendo de 0-11% a percentagem da precipitação anual que ocorre de junho a Setembro e ocorrendo a maior parte da precipitação anual dos meses de inverno.

Nas planícies de Baixo Alentejo podem ocorrer níveis de precipitação de 400 a 600 mm anuais.

No Sul do país também é mais evidente o efeito de continentalidade, ou seja, é maior a diferença entre a temperatura média do mês mais quente e a do mês mais frio, este efeito explica-se pela maior distância ao oceano.

Ainda existe uma grande variabilidade de solos cobertos pelo montado, são na grande maioria de muita baixa fertilidade. O clima mediterrâneo, associado à pobreza generalizada dos solos, determina, como é óbvio, muito marcadamente o tipo de vegetação existente. Efetivamente, predominam formas de ajustamento de vegetação que têm como objetivo fundamental a resistência à secura e às altas temperaturas estivais.



Entre as plantas mediterrâneas mais importante na fisionomia da vegetação figuram, em primeiro lugar, algumas árvores e arbustos de folha sempre verde, nomeadamente o sobreiro, a azinheira, o medronheiro, o carrasco e entre outras.

Evolução do Bosque Mediterrâneo para o Montado Atual

Com a revolução neolítica e o início da transição do modo de vida baseado na caça, pesca e colheita de frutos silvestres para a prática da agricultura e criação de gado, ter-se-á iniciado a transição do bosque mediterrâneo para aquilo que é hoje designado por montados de sobre e azinho.

O montado atual, particular, e a flora mediterrânea em geral, não mostram senão a larga influência que, através de um verão quente e seco, o clima sub-tropical exerce no conjunto da paisagem portuguesa. Ao mesmo tempo, a degradação profunda das suas associações primitivas deve-se á luta milenária de uma civilização rural e pastoril contra os matagais e florestas que por toda a parte afogavam as clareiras da cultura e entravam a marcha e o pasto dos rebanhos.

O sobreiro e a azinheira não têm a mesma distribuição espacial:

- O sobreiro por exigir alguma humidade oceânica encontra-se no Alentejo Ocidental e Alto Alentejo
- A azinheira acomoda-se a uma secura extreme exclusiva das baixas interiores, onde desce muito no verão a humidade do ar, e das encostas voltadas a Leste.

Porventura, as ações mais marcantes contra a floresta mediterrânea, os sobreiros e em particular as azinheiras ocorrera, no século passado.



Foi o caso das grandes arroteias provocadas pela campanha do trigo, do arranque massivo das azinheiras sob o pretexto de impedir a mecanização da agricultura, da ideia da “Batalha da produção” associada à reforma agrária e do abandono institucional da azinheira na altura em que se desvalorizaram os montados devido ao surgimento do surto da Peste Suína Africana.

Presentemente no Alentejo, sobretudo nos concelhos do Sul, assiste-se a uma grande e preocupante mortandade de sobreiros e azinheiras que tem sido associada a um fungo do género *phytophthora*.

Entre 1 de Janeiro de 2000 e 3 de Abril de 2004 foi autorizado o abate sanitário, em quatro das cinco freguesias do concelho de Ourique, de cerca de 18 000 árvores adultas.

O Montado e a Produção do Porco Raça Alentejana

O clima mediterrâneo conduz a um ecossistema caracterizado por um período de relativa disponibilidade de alimentos para a produção animal, que coincide aproximadamente com a época húmida.

As raças autóctones das diferentes espécies animais como vacas, ovelhas, cabras e porcos, quer pela seleção natural, quer por ação dos criadores de animais estão perfeitamente adaptados a este ecossistema.

A reduzida capacidade de crescimento e algumas características adaptativas permitem-lhes acumular maiores ou menores quantidades de gordura e de proteína nas épocas de “fartura”, que depois consomem na época de escassez.

O Porco Alentejano, com as suas características omnívoras, grande rusticidade e voracidade permitem aproveitar as pastagens e devorar também os roedores, os répteis, as larvas e os insetos que procura afanosamente revirando o solo com o focinho.

É conhecido pelo o seu irrequietismo e constitui um pesadelo para os respetivos guardadores, sendo capaz de realizar grandes caminhadas no montado à procura de alimentos. Pela sua grande capacidade adipogénica, é o que melhor partido pode tirar do ecossistema montado, convertendo mais eficazmente os seus frutos.

Em Portugal existem 1 124 000 há de povoamentos de azinheiras e sobreiros.



A área de montado de sobro e azinho coincide com a área de produção do Porco Alentejano, constante do caderno de especificações da Carne de Porco Alentejano DOP, em anexo, que abrange principalmente o concelho do distrito de Beja. Apesar de todo este potencial produtivo, a partir dos anos 60 do século XX ocorreram uma série de situações que quase levaram ao desaparecimento do Porco Alentejano, o que só foi evitado devido à persistência de um pequeno grupo de produtores.

O Acabamento ou Engorda

Atualmente, existem 3 tipos de engorda: Montanheira, Engorda no Campo, Engorda Intensiva, mas os tipos de engorda que irão ser falados serão os de Montanheira e a Engorda no Campo.

Montanheira

O regime de montanheira é a engorda que fazem os porcos de Raça Alentejana, através da fruição dos frutos do montado e sua complementar pratense. Os porcos, que no início do processo de engorda pesam entre 90-110kg de peso vivo, permanecem no montado de sobro ou azinho durante um período mínimo de 60 dias com alimentação exclusiva a bolota e erva, tendo que cumprir um peso mínimo de engorda de 47kg.

A estimativa que têm, é que durante este período, cada porco consuma diariamente 8 a 10kg de bolota e 2 a 3kg de erva.

Em relação ao abate, a idade mínima dos animais é de 14 meses e com um peso vivo de 145kg.

O fruto da azinheira é uma bolota oval, um aquénio com cúpula com metade do seu comprimento. São frutos adocicados, que contém grande percentagem de óleos benéficos para alimentação direta do gado suíno. As bolotas têm o interior do endocarpo (a pele interior da casca) com pelos acetinados; o seu comprimento é de 2 a 3 cm, com pedúnculo lenhoso e rijo. A sua maturação decorrer na época do Outono.



O fruto da sobreira chama-se lande (popularmente landre, alandia) e destina-se à alimentação aos porcos nos montados alentejanos.

Estas bolotas são (algumas) largas e peludas no ápice, com interior endocarpo desprovido de pêlos (ou quase) com escamas deitadas e densamente enfeltradas. A maturação dos frutos é de Setembro a Janeiro.



A bolota de azinho é tida em maior apreço que a lande do sobreiro.

A disponibilidade de frutos de montado influencia consideravelmente a estratégia do processo de engorda. Normalmente, porque a produção de lande e de bolota é principalmente influenciada pelas condições climáticas de cada ano, além de outros fatores, também relevantes, como o tratamento das árvores (podas, preservação do contacto com máquinas agrícolas) e o seu potencial genético, nem todos os animais que atingem o fim da recria podem ser acabados no montado.

Durante a montanha os animais já não têm disponibilidade e o irrequietismo da recria e é fundamental disporem também de água em abundância para beber, e sobretudo, se banharem e chafurdarem na lama para manterem a temperatura corporal.

Contudo, os dados que este apresenta não parecem traduzir diferenças entre ambas no que diz respeito aos teores de proteína, gordura, e hidratos de carbono. Em concreto, fica a ideia de que a ocorrência de azinheiras de bolota doce, mais apreciada pelo gado, é muito mais frequente do que a de sobreiros de lande doce.



Engorda no Campo

Este regime alimentar misto baseia-se em rações e num conjunto de alimentos disponibilizados pela natureza (bolota ou lande, erva, restolhos de cereais, restolhos de proteaginosas, etc).

O encabeçamento máximo permitido, neste regime de engorda é de 15 porcos/há.

A idade mínima dos animais para abate é de 12 meses e com um peso vivo que varia entre os 130 e os 145kg, consoante os requisitos de cada indústria.

